

# DIÁLOGO EPISTEMOLÓGICO: DA PALAVRA AO MITO E A DIVERSIDADE SEXUAL

José Amaro da Costa

Doutorando em Educação pela Universidade Nacional de Rosário /Argentina.

joseamar@globo.com

## Resumo

A discussão que se busca aqui, de forma inovadora e ao mesmo tempo desafiadora está em dialogar numa linha epistemológica e sem disputas aspectos da filosofia, da lingüística e da contemporaneidade social a partir da palavra e do saber (fenomenológico), integrando ao dilema de uma questão polêmica como diversidade sexual. Tudo isso ancorado em um suporte mitológico de imenso valor como “O homem e seus símbolos” na perspectiva de Jung. São reflexões que vão de Heidegger a Foucault passando por Austin, Baktin, Tedesco e Candelero e ainda referências a documentos, como a Declaração Universal dos direitos do homem e a constituição federal do Brasil. A idéia é organizar um debate progressista na história social envolvendo a discriminação através da palavra com as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis. O texto integra uma intencionalidade de trazer de forma natural apelos e gestos ao pensamento humano, focado em temas cujas ideias se relacionam em igualdade e contradições, originadas na subjetividade humana.

Palavras chaves: palavra, discriminação, mito, Afrodite, Zeus

## 1. A Palavra

O ente da filosofia que permanece no caos do mundo é a língua, a palavra. Em Toledo (2008) trata-se de uma recharacterização de natureza epistemológica em termos de natureza e estrutura da linguagem (lógica) assim como em termos de práticas lingüísticas concretas (pragmática). E é justamente aí que essa discussão será ampliada, onde encontramos em Candelero, (2012 p.48) que la palabra es toda obra de un cuerpo que anuncia – aunque aún no enuncie(...) los hombres hablamos antes de pensar –y lo seguimos haciendo, claro. El niño canta antes de ensayar, habla antes de pensar. E así, como não é possível separar o ser humano em compartimentos estanques, é que Flusser (2007 p.34) afirma que “*conhecimento, realidade e verdade* são aspectos da língua. E que ciência e filosofia são pesquisas da língua.

Cabe aqui então esclarecer que no entendimento lingüístico, a palavra está como significativo de uma ideia em três condições: **fônico** (voz e som); **mórfico** (léxico/gramatical) formas de pensamento/sentimento e **frásico** significado no contexto.

Ampliamos en Kart Bühler cujo punto de partida está en el *Crátilo* de Platón, donde se afirma que la lengua es una herramienta (*órganon* en griego) y que esa herramienta sirve para que una persona le diga a otra algo sobre las cosas. Bühler desarrolla y enriquece esta metáfora platónica añadiéndole dimensiones adicionales, que hay tres niveles o tipos de palabra: una expresiva de articular las experiencias del hablante, una apelativa, es obra de una subjetividad, de una conciencia. No necesariamente de una conciencia reflexiva, pero sí al menos de una conciencia inflexiva, a de direccionar pedidos a oyentes; e una palabra representativa, la más distintivamente humana, según Lorenz, no por origen, aunque sí por uso.

## 2. Discriminação através da palavra

Para Candelero, (2012) es necesario decir para ser: la signicidad todo lo ocupa. E como não existe uma forma única para dizer as coisas e de ser, conseqüentemente somos distintos e singulares em muitas questões e extremamente similares em outras referentes a interlocução. No momento de dizer algo, além do vocabulário, região que se vive, há de se considerar também o contexto inserido dos participantes nesse diálogo.

Muitas são as questões envolvidas na comunicação, que Segundo Frege (2002), o sentido de uma expressão é o pensamento que ela expressa, este será responsável por estabelecer a referência, aquilo no mundo ao qual tal expressão se refere. E a que enfatizo neste momento, são as palavras clássicas utilizadas em determinados discursos, como “bicha”, “veado” que expressam muita carga de preconceito com as pessoas do gênero masculino no mundo da sexualidade humana, potencializando mais adiante a discriminação em ambientes que se organizam de forma muito análoga, como escola e trabalho com seus padrões de êxito e fracasso.

Já em Austin (1990), passa-se a considerar determinações pragmáticas provindas de convenções sociais na composição do sentido das palavras, o que confere a este o poder de transformar fatos do mundo. Deleuze e Guattari (1995) ampliam além de Austin e inclui Foucault no esclarecimento da força pragmática das palavras. Segundo Foucault (1998), “é preciso ir além das convenções sociais e atingir o plano das condições do dizer para melhor entender a relação intrínseca existente entre o enunciado e poder. São as circunstâncias históricas, os jogos de poder de cada época, que decidem o que pode ser dito”. É então que Tedesco (2003) afirma que a noção Austiniana de sentido pragmático se amplia, ultrapassa as instituições sociais constituídas e estende-se às forças, vetores políticos produtores das

condições de possibilidade do dizer. A produção do sentido resulta de formações históricas, processos que emergem de dois diferentes planos de práticas políticas (jogos de poder) que jamais se separam e que atravessam toda a empiricidade. São as práticas de dizibilidade e de visibilidade interferindo no dizer:

Neste percurso, já cabe analisar o termo discriminação que tem sua origem na palavra latina "*discriminatio*" e quer dizer separação ou distinção. A discriminação é um ato de cortar ou de separar. Muitas vezes o ato discriminatório tem raiz na estruturação de verdade que o indivíduo carrega na sua trajetória de vida. E é nesse contexto que para Heller citado por Bauman (1999), coloca que não se pode passar sem um "conceito bem fundamentado de verdade": é quando se diz ao outro que eles estão em erro e portanto devem ou têm que mudar de opinião, assim confirmando a superioridade (leia-se: o direito de comando), do detentor da verdade (leia-se: o atribuidor de comando).

A verdade é em outras palavras, uma relação social (como poder, propriedade ou liberdade). Como explica Rorty, mencionado por Bauman (1999) de modo convincente, a linguagem da necessidade, da certeza e da verdade absoluta não pode senão formular a humilhação - humilhação do outro, do diferente, daquele que não satisfaz os padrões e complementado por Jabès também referenciado por Bauman (1999) que "o único é universal", que ser diferente é que nos faz ser semelhantes uns aos outros e que eu só posso respeitar a minha própria diferença respeitando a diferença do outro.

Fazendo analogia de preconceito como uma árvore, o fruto seria a discriminação. E uma atitude discriminatória resulta na destruição ou comprometimento dos direitos fundamentais do ser humano, prejudicando um indivíduo no seu contexto social, cultural, político ou econômico contrariando assim os vários documentos que garantem os direitos básicos do cidadão, como no **Art.7** da declaração universal dos direitos do homem, (1948) onde todos são iguais perante a lei e, sem qualquer discriminação, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

E no caso do Brasil, o **Art.5** da constituição federal do Brasil(1988) em que Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade

As experiências sociais demonstram que gênero é o maior motivo de discriminação nas escolas brasileiras. Pesquisa realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas - FIFE nas escolas públicas de todo o Brasil em 2009 com alunos, docentes e funcionários sobre “Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar”, mostrou que 87,3% dos entrevistados têm preconceito com relação à orientação sexual, Mazzon (2009).

### 3 O signo e o real

Para o homo symbolicus, mesmo um objeto físico pode adquirir “poderes” de entidades míticas. (...) toda imagem artístico-simbólica ocasionada por um objeto físico particular já é um produto ideológico. Converte-se, assim, em signo o objeto físico, o qual, sem deixar de fazer parte da realidade material, passa a refletir e refratar, numa certa medida, uma outra realidade” Bakhtin (1997, P.31).

Através da história, percebe-se culturas, mitos e até textos sagrados com registros de temas homoeróticos e de identidade de gênero. Assim, desde esses tempos mais remotos, muitos mitos narravam homossexualidade, bissexualidade ou transgênerismo como símbolo das experiências míticas e/ou sagradas.

A mitologia greco-romana possui diversas narrativas de histórias de amores entre seres do mesmo sexo. Esses mitos têm sido considerados fundamentalmente influentes na literatura ocidental LGBT, sendo constantemente adaptados, republicados e reescritos.

#### 3.1 Afrodite

Em grego, "Afros" significa espuma, onde o nome de Afrodite surge de uma das versões sobre a forma de seu nascimento, a que veio do mar, a que saiu das águas...

É a deusa da mitologia grega que representava o amor, a beleza, fertilidade e o sexo. Muito cultuada em Atenas, Esparta e Corinto. **Se preocupava e simpatizava com os anseios das almas femininas, presas em corpos masculinos**

Afrodite era pura sedução, revelava a nudez das coisas de modo e permitir a imaginação sensual. As flores são associadas à deusa do amor e da beleza por representarem a sexualidade da natureza. A associação simbólica das flores aos órgãos sexuais de uma mulher está em sua natureza, na maneira pela qual brota, floresce e abre-se fazendo-se vulnerável a polinização e fertilização. Logo, sofisticar a percepção é perceber o modo de conhecer o

mundo compreendendo o motivo pelo qual as flores são presente mais comum ofertado entre amantes; por simbolizar a beleza da sexualidade humana. Associada a Afrodite estão a rosa vermelha, o jasmim e a orquídea.

É também identificada como Vênus na mitologia romana. Os romanos de caráter politeísta, eram adeptos que homens e deuses teriam que viver em harmonia, onde muitos deuses foram cultuados em virtude de regiões conquistadas.

### **3.2 Zeus**

É o deus mais importante na mitologia grega, ou seja, o pai dos deuses e dos mortais, o governante de todos os deuses. Pois é, os gregos separavam os deuses em diversos grupos, onde os mais poderosos eram os deuses do Olimpo. E Zeus presidia no Monte Olimpo, na Tessália, local onde os jogos eram celebrados em sua honra a cada quatro anos. Era o senhor do céu, o deus da chuva, e o ceifeiro das nuvens, aquele que detinha o terrível trovão. Seu pássaro era a águia, sua árvore o carvalho.

Era o filho mais jovem do Titã Cronos e de Réia, tinha irmãos divindades como Poseidon, Hades, Hésta, Deméter e Hera.

Zeus é descrito como um deus que se apaixona por uma mulher a cada instante e usa todos os artifícios para esconder sua infidelidade da esposa. Muitos de seus filhos eram os produtos de seus casos de amor tanto com deusas, quanto com mulheres mortais. Seus muitos casos com mortais às vezes são explicados como o desejo dos primeiros gregos a traçar sua linhagem até o pai dos deuses. A imagem de Zeus era representada na escultura como a figura de um rei barbado. A mais célebre de todas as estátuas de Zeus era a colossal em ouro e marfim feita por Fídias, em Olímpia.

Teve centenas de mulheres, deusas, ninfas e etc, É, mas Zeus, símbolo da masculinidade, se apaixonou por um homem, o Ganimedes e não escondeu de ninguém essa preferência pontual. Zeus tinha orgulho do namorado, tanto que colocou o rapaz para trabalhar na sua morada e o protegeu de Hera, também conhecida como mulher macho, costumava matar as amantes de Zeus e que odiava seu novo e singular concorrente – estava perdendo o marido até para um homem mortal. Na atualidade e em algumas sociedades, o deus soberano do Olimpo poderia se casar oficialmente com Ganimedes.

## Referências

Artigo o ser do mundo e o ser da língua na filosofia e a linguística por Manoel Mathias Ferreira – Anais ISSN 2175-9162

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Lisboa: Artes Médicas, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência; tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

BUSTOS, Alberto. 2007-2013. *Blog de Lengua* [documento em línea: <http://blog.lengua-e.com/>; acceso: 29 de abril de 2017].

CANDELERO, Neldo. Ciencia, Arte, Religion: Observaciones filosóficas 2. 1ª Ed. – Rosario: Ciudad Gotica, 2012

Deleuze e Guattari (1995)

Flusser, V. Língua e realidade. Ed. 3. São Paulo: Anablume, 2007.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FREGE, G. (2002). **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Cultrix. (tradução de Paulo Alcoforado)

HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Petrópolis: Vozes, 2003.

Kart Bühler – palabra

Rorty, Richard

Rubin, Gayle – reflexionando sobre el sexo: notas para uma teoria radical de la sexualidad

Símbolos e seus significados na cultura LGBT | STOP HOMOFOBIA Acesso em 06/03/2017 às 15:15h

SABADELL, Ana Lucia. Manual de Sociologia Jurídica. 5. ed. São Paulo: RT, 2010, p. 270.

Tedesco, Silvia Helena, & Valviesso, Karla Soares Pereira. (2009). Linguagem e criação: considerações a partir da pragmática e da filosofia de Bergson. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2), 1-12. Recuperado em 18 de março de 2017, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672009000200002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200002&lng=pt&tlng=pt).

Toledo JR, J.E.C de, Linguagem Contexto e razão: Richard Rorty e a virada lingüística, dissertação de mestrado da USP. São Paulo, 2008.